

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p><b>PSICO</b></p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623   ISSN-L: 0103-5371</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39111">http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39111</a></p>	

SEÇÃO: ARTIGO

## Correlações entre esquemas iniciais desadaptativos e estilos de coping de adolescentes esportistas

*Correlations between early maladaptive schemas and coping styles of adolescent athletes*

*Correlaciones entre los esquemas iniciales desadaptativos y los estilos de afrontamiento de adolescentes desportistas*

Sara Kleinschmitt<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-5258-6531](https://orcid.org/0000-0001-5258-6531)  
[sarak@feevale.br](mailto:sarak@feevale.br)

Rodrigo Giacobbo Serra<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-7446-5773](https://orcid.org/0000-0001-7446-5773)  
[rodrigosserra@feevale.br](mailto:rodrigosserra@feevale.br)

Marcus Levi Lopes

Barbosa<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-5413-8695](https://orcid.org/0000-0001-5413-8695)  
[marcusl@feevale.br](mailto:marcusl@feevale.br)

Recebido em: 9 set. 2020.

Aprovado em: 16 maio 2022.

Publicado em: 23 out 2023.

**Resumo:** Esse estudo teve como objetivo avaliar as correlações entre esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e estilos de coping de atletas adolescentes. A amostra foi composta por 65 atletas, tanto do gênero feminino quanto masculino, com idades entre 12 e 18 anos. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico, Questionário de Esquemas para Adolescentes e Inventário Balbinotti de Coping para Atletas em Situação de Competição, em formato on-line. Foram realizadas análises descritivas e correlacionais. Os resultados revelaram correlações estatisticamente significativas positivas com o estilo de coping de afastamento ( $p = 0,246$  a  $p = 0,555$ ) e negativas com o estilo de coping de aproximação ( $p = -0,267$  a  $p = -0,475$ ). Também foram observados níveis mais elevados de EID de Padrões Inflexíveis ( $M = 4,40$ ;  $DP = 1,38$ ) em associação com o estilo de coping de aproximação ( $M = 4,11$ ;  $DP = 0,81$  a  $M = 3,59$ ;  $DP = 0,76$ ). Este estudo contribui com dados sobre a aplicabilidade da Terapia do Esquema no esporte de rendimento infanto-juvenil.

**Palavras-chave:** adolescente, psicologia do esporte, terapia do esquema

**Abstract:** This study aimed to measure the correlations among early maladaptive schema (EMSs) and coping strategies (CS) in adolescents athletes. Sampling: 65 female and male athletes, aged between 12 and 18 years old. Instruments: a sociodemographic questionnaire, the Schema Questionnaire for Adolescents and the Balbinotti Coping Inventory for Competitive Athletes, in online format. Descriptive and correlational analyzes were carried. The results presents statistically significant positive correlations with the distance CS ( $p = 0.246$  a  $p = 0.555$ ) and negative correlations with approach CS ( $p = -0.267$  a  $p = -0.475$ ), besides higher levels of EMS of Inflexible Patterns ( $M = 4.40$ ;  $DP = 1.38$ ) and that the approach CS ( $M = 4.11$ ;  $DP = 0.81$  a  $M = 3.59$ ;  $DP = 0.76$ ). This study contributes with data about the applicability of Schema Therapy in children's performance sports.

**Keywords:** adolescent, sport psychology, schema therapy

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo evaluar las correlaciones entre los esquemas desadaptativos tempranos (EDTs) e los estilos de enfrentamiento (coping) de los atletas adolescentes. Muestreo: 65 deportistas femeninos y masculinos que tenían entre 12 y 18 años. Instrumentos: un cuestionario socio-demográfico, el Cuestionario de Esquemas para Adolescentes y el Inventario de Coping para Deportistas en Competición, en formato on-line. Se realizaron análisis descriptivos y correlacionales. Los resultados indican correlaciones positivas estadísticamente significativas con el coping de la distancia ( $p = 0.246$  a  $p = 0.555$ ) y correlaciones negativas con el coping de la aproximación ( $p = -0.267$  a  $p = -0.475$ ), además niveles más altos de EDT de Patrones Inflexibles ( $M = 4.40$ ;  $DP = 1.38$ ) y del coping de la aproximación ( $M = 4.11$ ;  $DP = 0.81$  a  $M = 3.59$ ;  $DP = 0.76$ ). Este estudio aporta datos sobre la aplicabilidade de la Terapia de Esquemas em el rendimiento deportivo infantil.

**Palabras clave:** adolescente, psicología del deporte, terapia de esquema



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

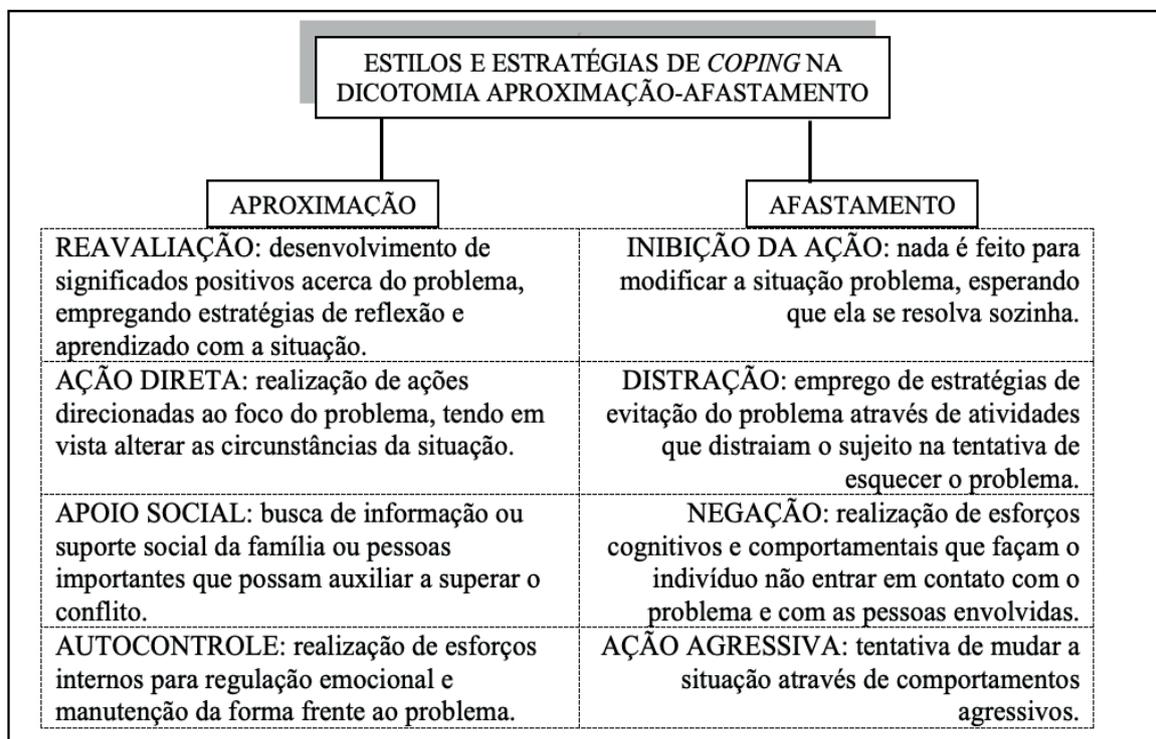
<sup>1</sup> Universidade Feevale (Feevale), Novo Hamburgo, RS, Brasil.

O esporte de rendimento é uma atividade esportiva orientada para alcançar resultados e promover a integração de pessoas e comunidades, sendo praticado de acordo com normas e regulamentos específicos (Brasil, 2001). As muitas facetas desse contexto suscitam que os atletas lidem com experiências estressantes. Levantamentos acerca dos fatores de estresse observaram pontos de semelhança em diversos estudos: regras, relacionamento com treinadores e colegas de equipe, carreira, *overtraining*, torcedores e familiares (Kochhann, 2018; Peixoto et al., 2019). Há uma variedade de situações que podem implicar em consequências para o desenvolvimento humano nas ordens fisiológica, psicológica e social (Kochhann, 2018; Peixoto et al., 2019; Silva et al., 2016).

Para lidar com a pressão resultante do estresse, os atletas desenvolvem respostas de adaptação

que são chamadas de estilos e estratégias de *coping*. Elas são esforços comportamentais e cognitivos recrutados para administrar demandas externas e internas que tenham sido interpretadas como um risco pelo indivíduo (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2016). A categorização de *coping* no modelo teórico de Holahan et al. (1996) propõe que os estilos de *coping* atuam como mediadores de tarefas do desenvolvimento humano e são orientados à aproximação e ao afastamento. As respostas de aproximação, orientadas à resolução do problema, são consideradas mais adaptativas. Já as respostas de afastamento ou evitação, voltadas à regulação da emoção, menos adaptativas e funcionais para o atleta (Barbosa et al., 2016; Peixoto, 2016; Peixoto et al., 2017). Na Figura 1 estão dispostos os quatro tipos de estratégias de *coping*, de acordo com essa teoria.

**Figura 1.** Estilos e estratégias de coping na dicotomia aproximação-afastamento.



Uma vez que a percepção de risco passa pelo viés da interpretação, é possível dizer que traços de personalidade podem influenciar nos estilos de *coping* utilizados, inclusive no enfrentamen-

to de fatores de estresse na prática esportiva (Gonçalves, 2016; Monteiro, 2017; Pereira, 2018; Saldanha, 2016). Nesse sentido, traz-se o conceito de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), cons-

truto base da Terapia do Esquema (TE) de Jeffrey Young (Young et al., 2008). Os EIDs são conjuntos de crenças, emoções, memórias e sensações corporais que norteiam a interpretação das situações cotidianas, estabelecendo padrões cognitivos, emocionais e comportamentais (Wainer & Rijo, 2016; Young et al., 2008). Eles são divididos em cinco domínios, de acordo com dimensões de necessidades emocionais básicas não atendidas durante a infância e a adolescência. No primeiro domínio há os EIDs abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defecividade/vergonha e isolamento social/alienação. No segundo domínio, os EIDs dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano e à doença, emaranhamento/*self* subdesenvolvido e fracasso. No terceiro, os EIDs arrogância/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes. No quarto, os EIDs subjugação, autossacrifício e busca por aprovação/reconhecimento. E, por fim, no quinto domínio os EIDs negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis e postura punitiva. Esta é uma abordagem que tem sido amplamente utilizada dentro das Terapias Cognitivo-Comportamentais para tratamento de questões caracterológicas (Costa, 2016; Medeiros et al., 2019; Peres & Laros, 2016).

O desenvolvimento dos EIDs ocorre durante a infância e a adolescência através do não atendimento de necessidades emocionais básicas que cumprem tarefas psicológicas evolutivas. Na adolescência, o sucesso das tarefas evolutivas passa a depender também da relação com figuras de apego que vão para além do grupo familiar (Franzin et al., 2019; Lopes et al., 2019; Rijkeboer & Boo, 2010; Santos, 2009; Van Genderen et al., 2012; Young et al., 2008). Sendo assim, especialmente na juventude, a interação com amigos e professores também pode influenciar no desenvolvimento da personalidade. Contextos experienciais de convívio social, como o que a prática esportiva possibilita, são campos possíveis de visualizar a expressão de EIDs, mesmo que ainda não estejam tão cristalizados como na vida adulta (Mendes et al., 2019; Souza et al., 2018; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2016; Wainer, 2016).

Ainda quanto aos EIDs, a literatura relata que especialmente durante a infância eles ainda podem ter um caráter de recurso de adaptação infantil para lidar com as demandas do contexto em que a criança está inserida. Nesse sentido, durante a adolescência, alguns dos EIDs ainda podem ter algum valor de funcionalidade em consonância às suas necessidades emocionais e aos estilos de interações sociais e ambientais (Reis, 2019; Santos, 2009). Afinal, esse é um período de intensas transformações de ordens fisiológica, social e psicológica, sendo necessário estratégias (padrões) cognitivas, emocionais e comportamentais de adaptação. Isso se difere da fase adulta, quando esses padrões passam a ser disfuncionais (desadaptativos), trazendo sofrimento psíquico. Entretanto, ainda que menos enrijecidos, os EIDs podem interferir no alcance satisfatório das tarefas evolutivas da adolescência, não sendo descartados como foco de atenção clínica (Franzin et al., 2019; Van Genderen et al., 2012; Young et al., 2008).

Levando em conta as questões introduzidas, o objetivo desse estudo foi investigar as correlações entre EIDs e estratégias de *coping* (EC) em adolescentes praticantes de esporte de rendimento, além de identificar os EIDs e ECs de maiores níveis na amostra. Alguns estudos já trazem registros sobre a relação entre *coping* e aspectos da personalidade (Grosso, 2016; Mallmann, 2015; Medeiros et al., 2019; Rocha, 2019). A hipótese é de que o estresse está relacionado à ativação de EIDs e que é possível que estratégias de *coping* desadaptativas sejam utilizadas, reforçando o padrão esquemático (Martin & Young, 2010).

## Método

Neste estudo foi utilizado o método quantitativo com análise correlacional e descritiva das variáveis em um corte transversal da população.

## Participantes

Participaram da pesquisa 65 adolescentes de 12 a 18 anos ( $M = 14,48$ ;  $DP = 1,76$ ) que praticavam alguma modalidade de esporte de rendimento. Em relação ao gênero, 35,4% da amostra foi do

gênero feminino e 64,6% do gênero masculino. A maior parte dos participantes estava cursando o oitavo (21,5%) e o nono (23,1%) ano escolar e relataram se considerar como classe social média (78,5%).

### Instrumentos

Foram utilizados os instrumentos descritos a seguir.

*Questionário de dados sociodemográficos.* Questionário elaborado pelos autores, composto por 17 itens que tinham como objetivo a caracterização da amostra.

*Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA).* Escala adaptada do *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)* composta por 54 itens de autorresposta. Nesse instrumento há de duas a quatro afirmativas para cada um dos EIDs, respondidas em uma escala *Likert* de seis pontos. Seus resultados indicam a intensidade dos EIDs do respondente. O estudo de adaptação e avaliação psicométrica foi realizado em Portugal por Santos (2009) e revelou ter boa consistência interna ( $\alpha = 0,93$ ) e estabilidade temporal ( $r = 0,84$ ). Uma vez que não há uma versão com validade psicométrica brasileira, utilizou-se uma versão de língua portuguesa adaptada ao português brasileiro, que já foi utilizada em outro estudo no Brasil (Mallmann et al., 2017). Para o presente estudo realizou-se análise da consistência interna, que também se revelou adequada ( $\alpha = 0,93$ ) (Landis & Koch, 1977).

*Inventário Balbinotti de Coping para Atletas em Situação de Competição (iBCASC-40).* Instrumento utilizado para identificar os estilos e estratégias de *coping* de maiores níveis nos respondentes. O inventário é constituído por 40 itens respondidos por uma escala *Likert* de cinco pontos. Há cinco itens dispostos de forma aleatória para cada uma das oito estratégias de *coping*, formando 20 itens por dimensão (estilo de *coping*) (ver Figura 1, acima). O iBCASC é um instrumento com boas qualidades psicométricas. Em estudos recentes o nível de confiabilidade da escala se revelou adequado (Peixoto et al., 2019). Para o presente estudo foi realizada análise de consistência inter-

na e o nível de confiabilidade da escala também demonstrou ser adequado ( $\alpha = 0,84$ ) (Landis & Koch, 1977).

### Procedimentos

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Feevale (parecer nº 3.846.646) com a coleta de dados programada inicialmente para forma presencial. A pesquisa foi divulgada através das redes sociais dos autores e em instituições de esporte parceiras, sempre respeitando os critérios de inclusão estabelecidos: ter entre 12 e 18 anos, praticar atividade esportiva de rendimento, possuir capacidade para autorrelato e ter sua participação autorizada pelos responsáveis.

Haja dada a ocorrência da pandemia da COVID-19, foi necessária a realocação das coletas para a forma *on-line*. Com a aprovação da emenda enviada ao CEP (parecer nº 3.979.301), os instrumentos foram inseridos na plataforma *Google Forms* e os participantes tiveram acesso ao *link* para resposta. Além de ser enviado aos clubes que já haviam confirmado parceria, o *link* foi divulgado também em redes sociais. Ressalta-se que, neste novo formato, foi reforçada a garantia do cumprimento dos cuidados éticos, contando com o auxílio dos clubes na realização do contato prévio com os responsáveis. Todos os responsáveis e participantes tiveram acesso ao TCLE (para o responsável) e ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (para o adolescente). A equipe de pesquisa recebeu via *e-mail* a confirmação do consentimento virtual feito via TCLE e TALE, assim como todos os participantes e responsáveis receberam uma via desses documentos assinada pelo pesquisador responsável.

### Análises estatísticas

Os dados foram extraídos e importados ao *software IBM SPSS Statistics 25.0*. Foram realizadas análises descritivas e correlacionais. Levando em conta que a amostra se configurou em uma distribuição não normal, necessitando de testes não paramétricos, realizaram-se análises de

correlação de *Spearman* ( $\rho$ ). Para identificação das forças das correlações foram adotados os seguintes parâmetros: correlações fracas para  $\rho < 0,4$ ; correlações moderadas para  $0,4 \geq \rho < 0,5$ ; e fortes para  $\rho \geq 0,5$  (Hulley et al., 2015).

## Resultados

Os resultados relativos à distribuição da amostra foram dispostos na Tabela 1. Em relação à prática esportiva, a média de tempo de prática

de esporte foi de 6,10 anos e a maior parte dos atletas participava de competições de âmbito estadual (73,8%). A maioria deles praticava esportes coletivos (90,8%). Em relação aos motivos de ingresso, 61,5% iniciaram a prática por interesse próprio e 26,2% por influência dos cuidadores/responsáveis. Identificou-se, ainda, que a maioria dos adolescentes classificaram seu próprio rendimento como bom (52,3%).

**Tabela 1** – Distribuição da amostra relacionada a aspectos da prática esportiva (N = 65)

Variável	Distribuição	n	%
Tipo de esporte	Atletismo	2	3,1%
	Futsal	22	33,8%
	Vôlei	21	32,3%
	Futebol	12	18,5%
	Jiu-Jitsu	1	1,5%
	Futebol americano	1	1,5%
	Basquete	1	1,5%
	Muay-Thai	1	1,5%
	Karatê	1	1,5%
	Judô	2	3,1%
	Handebol	1	1,5%
Modalidade	Individual	6	9,2%
	Coletiva	59	90,8%
Motivo de ingresso	Interesse próprio	40	61,5%
	Influência dos amigos(as)	8	12,3%
	Influência dos meus responsáveis	17	26,2%
Nível de competição que participa	Municipal	13	20,0%
	Estadual	48	73,8%
	Nacional	3	4,6%
	Internacional	1	1,5%
Autoclassificação do rendimento	Não sei	2	3,1%
	Baixo	3	4,6%
	Regular	1	1,5%
	Médio	14	21,5%
	Bom	34	52,3%
	Muito bom	8	12,3%
	Excelente	3	4,6%

Nota. n = recorte específico da amostra.

No que se refere à apresentação dos EIDs e ECs dos atletas, os resultados apontaram que o EID de Padrões Inflexíveis (M = 4,40; DP = 1,38), abandono/instabilidade (M = 3,69; DP = 1,27), emaranhamento/*self* subdesenvolvido (M = 3,41;

DP = 1,43) e autossacrifício (M = 3,14; DP = 1,11) apresentaram as médias mais altas. As ECs com maiores níveis foram as de aproximação. Apresentamos estes resultados encontrados na Tabela 2.

**Tabela 2** – Resultados das análises descritivas de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e estilos de coping (N = 65)

Dimensão	Itens	Média	Desvio Padrão
Esquemas iniciais desadaptativos (EIDs)	Abandono/instabilidade	3,69	1,27
	Desconfiança/abuso	2,68	1,28
	Privação emocional	1,52	0,86
	Defectividade/vergonha	1,74	0,97
	Isolamento social/alienação	2,05	1,04
	Dependência/incompetência	1,78	0,81
	Vulnerabilidade ao dano e a doença	2,35	1,07
	Emaranhamento/ <i>self</i> subdesenvolvido	3,41	1,43
	Fracasso	2,05	1,23
	Arrogo/grandiosidade	2,05	0,86
	Autocontrole/autodisciplina insuficientes	2,50	1,13
	Subjugação	2,00	0,96
	Autossacrifício	3,14	1,11
	Busca por aprovação	2,79	1,21
	Negativismo/pessimismo	2,46	1,25
	Inibição emocional	2,65	1,36
	Padrões inflexíveis	4,40	1,38
	Postura punitiva	2,68	1,21
	Estratégias de coping (ECs)	Reavaliação	3,59
Ação direta		4,11	0,81
Apoio social		3,68	0,81
Autocontrole		3,64	0,86
Inibição da ação		2,10	0,73
Distração		2,93	0,77
Negação		2,53	0,68
Ação agressiva		2,55	0,85

Quanto às correlações obtidas, foi possível observar que quase todas as correlações entre os EIDs as ECs de afastamento foram positivas, à exceção do EID de emaranhamento/*self* subdesenvolvido. Além disso, quase todos os EIDs tiveram correlações significativas e positivas com a EC ação agressiva, sendo que os EIDs desconfiança/abuso e isolamento social/alienação obtiveram correlações de forte magnitude

com ela. Os EIDs que mais obtiveram correlações significativas com as diversas ECs foram dependência/incompetência e autocontrole/autodisciplina insuficientes. Foi possível também notar que o EID de padrões inflexíveis obteve correlações significativas apenas com estilos de coping de aproximação. Todas as correlações foram apresentadas nas Tabelas 3 e 4 serão discutidas a seguir.

**Tabela 3** – Correlações de Spearman estatisticamente significativas entre esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e estratégias de coping de aproximação (ECs) (N = 65)

EIDs/ECs	Reavaliação	Ação Direta	Ação Social	Autocontrole
Abandono/instabilidade	0,122	0,088	0,042	0,053
Desconfiança/abuso	0,176	-0,022	0,089	-0,033
Privação Emocional	-0,069	-0,181	-0,098	-0,064

Defectividade/vergonha	-0,221	-0,235	0,034	-0,189
Isolamento Social	-0,034	-0,040	-0,052	-0,003
Dependência/incompetência	-0,322**	-0,393**	-0,243	-0,475**
Vulnerabilidade ao Dano e a Doença	-0,066	-0,004	-0,014	0,108
Emaranhamento/ <i>self</i> subdesenvolvido	0,163	0,271*	0,425**	0,269*
Fracasso	-0,267*	-0,167	-0,110	-0,236
Arrogo/grandiosidade	-0,116	-0,159	0,036	-0,028
Autocontrole/autodisciplina insuf.	-0,321**	-0,425**	-0,078	-0,295*
Subjugação	-0,116	-0,239	-0,050	-0,353**
Autossacrifício	-0,054	0,032	-0,114	-0,006
Busca por Aprovação	0,117	-0,013	0,084	-0,039
Negativismo/pessimismo	-0,168	-0,184	-0,001	-0,125
Inibição Emocional	0,018	0,028	-0,067	-0,120
Padrões Inflexíveis	0,279*	0,386**	0,226	0,269*
Postura Punitiva	0,256*	0,089	0,285*	0,147

Nota. \* =  $p \leq 0,05$ ; \*\* =  $p \leq 0,01$

**Tabela 4** – Correlações de Spearman estatisticamente significativas entre esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e estratégias de coping de afastamento (ECs) (N = 65)

EIDs/ECs	Inibição da Ação	Distração	Negação	Ação agressiva
Abandono/instabilidade	0,133	0,030	0,024	0,340**
Desconfiança/abuso	0,203	0,032	0,154	0,555**
Privação Emocional	0,364**	0,086	0,219	0,428**
Defectividade/vergonha	0,123	-0,004	0,081	0,427**
Isolamento Social	0,275*	0,046	0,040	0,529**
Dependência/incompetência	0,281*	-0,122	-0,056	0,324**
Vulnerabilidade ao Dano e a Doença	0,246*	0,017	0,124	0,273*
Emaranhamento/ <i>self</i> subdesenvolvido	-0,284*	0,088	0,070	-0,174
Fracasso	0,200	-0,019	0,031	0,304*
Arrogo/grandiosidade	0,206	0,095	0,196	0,433**
Autocontrole/autodisciplina insuf.	0,323**	-0,036	0,061	0,421**
Subjugação	0,270*	-0,154	-0,069	0,404**
Autossacrifício	0,144	0,031	-0,046	0,189
Busca por Aprovação	0,199	0,025	0,059	0,493**
Negativismo/pessimismo	0,293*	0,023	0,060	0,485**
Inibição Emocional	0,126	-0,071	0,095	0,230
Padrões Inflexíveis	-0,242	0,030	0,115	0,145
Postura Punitiva	0,050	0,135	0,123	0,294*

Nota. \* =  $p \leq 0,05$ ; \*\* =  $p \leq 0,01$

## Discussão

O esquema que se demonstrou prevalente na população pesquisada foi o EID padrões inflexíveis. Pessoas com esse EID tendem a se esforçar de forma excessiva para atingir elevados padrões internalizados de desempenho pessoal

e profissional (Franzin et al., 2019; Souza et al., 2018; Wainer & Rijo, 2016). No caso de atletas, altos padrões de desempenho na sua prática esportiva. Em consonância a esse resultado, a literatura refere que, além da necessidade de um

bom desempenho esportivo e escolar, as expectativas em relação a si mesmo e a sua carreira, como também as expectativas dos familiares, desenham uma rotina de intensa pressão no contexto esportivo de jovens atletas de rendimento (Peixoto et al., 2019; Silva et al., 2016). Este cenário delimita um terreno fértil para a expressão e para o enrijecimento do EID padrões inflexíveis. Esse é um EID cujo desenvolvimento pode ser mais tardio e condicionado a EIDs anteriores. Assim, ele não reflete somente os padrões familiares, mas também as influências dos relacionamentos entre os pares e outras figuras de apego (Mendes et al., 2019; Wainer & Rijo, 2016; Young et al., 2008).

O segundo EID de maiores níveis nos participantes deste estudo foi abandono/instabilidade. Ele se refere à sensação de que as pessoas de quem o indivíduo é próximo poderão romper relações imprevisivelmente, de forma a não estarem disponíveis caso ele precise (Franzin et al., 2019; Souza et al., 2018; Wainer & Rijo, 2016). Quanto a isso, a teoria diz que para lidar com o intenso medo de serem abandonados, pessoas com EID abandono/instabilidade tendem a recrutar um padrão de comportamentos, podendo, por vezes, se tornar competitivas, a fim de buscar a aceitação e minimizar o risco de abandono. Nesse sentido, é possível compreender a apresentação conjunta dos EIDs abandono/instabilidade e padrões inflexíveis nos adolescentes que participaram deste estudo: ao passo que assumem padrões elevados de desempenho, a partir da noção de aceitação condicional, compensam a sensação de risco de abandono.

O terceiro esquema que se apresentou em maiores níveis nos adolescentes participantes foi o EID emaranhamento/*self* subdesenvolvido. Pessoas com esse EID, entre outras características, vivenciam envolvimento excessivo com uma ou mais pessoas significativas de forma a perder sua individualidade. Quanto a esse resultado, Santos (2009) levanta a hipótese de que essa temática pode ser sentida como normativa para essa faixa etária, destacando que ainda não é esperado grande grau de independência nessa idade.

O EID autossacrifício também apresentou altos níveis nos jovens atletas do estudo. Esse esquema remonta o compromisso excessivo e voluntário do indivíduo com as necessidades alheias em detrimento das suas. Caso não o faça, tende a se sentir bastante culpado e egoísta (Franzin et al., 2019; Wainer & Rijo, 2016). Nesse sentido, alguns aspectos de autossacrifício disfuncional podem ser percebidos em práticas esportivas de rendimento. Um dos fatores de estresse da prática esportiva é o que foi chamado de *overtraining*. Quando isso ocorre, o atleta se submete a um ritmo excessivo de treinos sem descanso, implicando em consequências negativas (Kochhann, 2018; Peixoto et al., 2019; Silva et al., 2016).

Em relação às ECs foi possível observar que os adolescentes apresentaram níveis mais altos de ECs de aproximação. Outros estudos com adolescentes também já evidenciaram resultados semelhantes (Barbosa et al., 2016). Nesse sentido, a literatura relata que a eficácia adaptativa se associou positivamente com ECs de aproximação e negativamente com ECs de afastamento (Peixoto et al., 2019). Isso sugere que nossa amostra de pesquisa tenta se aproximar e enfrentar as situações estressoras, dando respostas mais adequadas frente aos problemas específicos do contexto.

No que se refere às correlações obtidas foi possível observar que quase todas as correlações entre os EIDs as ECs de afastamento foram positivas, demonstrando que quanto maiores níveis dos EIDs, ou mais ativos estiverem, mais disfuncional é a forma de lidar com a situação. Esse fato vai ao encontro da lógica da característica de disfuncionalidade de ambas as variáveis (EIDs às ECs de afastamento) (Holahan et al., 1996; Peixoto et al., 2019; Silva et al., 2016; Wainer & Rijo, 2016; Young et al., 2008). Todavia, no que diz respeito ao fato de o EID emaranhamento ter sido o único que obteve correlação negativa com ECs de afastamento, isso pode estar relacionado à hipótese de que este EID pode ter um caráter de mais adaptabilidade durante a infância e a adolescência, conforme discutido anteriormente (Santos, 2009).

No que se refere às correlações obtidas entre a EC ação agressiva e os EIDs, isso pode significar que quanto mais ativos esses EIDs estiverem, mais os atletas lançarão mão de ações agressivas para regulação emocional. Essa EC demonstrou correlações de forte magnitude com os EIDs desconfiança/abuso e isolamento social/alienação. Isso também foi possível observar em estudos realizados anteriormente com adolescentes, os quais verificaram as relações entre essas variáveis na ocorrência de *cyberbullying* e entre elas e dimensões clínicas de personalidade (Mallmann, 2015; Medeiros et al., 2019).

Os EIDs dependência/incompetência e autocontrole/autodisciplina insuficientes foram aqueles que mais obtiveram correlações significativas com ECs. Levando em conta essas premissas teóricas já mencionadas (Wainer & Rijo, 2016; Young et al., 2008; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2016), isso pode ser interpretado da seguinte forma: ao passo que haja autopercepções de mais incompetência e mais dependência na relação com os colegas e/ou treinadores na prática esportiva, assim como de que são mais impulsivos e que possuem dificuldades em seguir rotinas e regras em nome de recompensas posteriores, pode ser que haja a tendência de vivenciar mais ativações esquemáticas no contexto esportivo.

No que diz respeito às correlações com o EID padrões inflexíveis, este obteve correlações significativas apenas com ECs de aproximação, consideradas mais adaptativas e funcionais. Semelhante a isso, também no estudo de Santos (2009) foi possível evidenciar associações lineares e positivas entre esse EID e domínios do autoconceito como competência escolar, competência atlética e aparência física. A autora do estudo refere que isso pode ser interpretado como a inexistência de níveis extremos de rigidez cognitiva e comportamental, podendo estar relacionado a uma adaptação mais funcional no âmbito escolar, atlético e físico.

Destaca-se, por fim, alguns outros pontos importantes. No que se refere à bidirecionalidade observada entre as variáveis EIDs *versus* a prática de esporte de rendimento, observa-se que o

motivo de ingresso no esporte de rendimento foi primeiramente por interesse próprio (61,5%) e, em segundo lugar, por influência dos cuidadores/responsáveis (26,2%). Esses resultados podem trazer à tona a ocorrência de um processo esquemático de perpetuação dos EIDs. De acordo com a teoria, os EIDs se perpetuam e se enrijecem durante a vida através de padrões autoderrotistas, que envolvem escolhas inconscientes de situações e relacionamentos que mantêm o funcionamento esquemático (Reis, 2019; Young et al., 2008).

Além disso, avalia-se importante ressaltar também que a amostra de atletas desse estudo considera seu rendimento satisfatório, o que pode impactar nas expressões de EIDs e ECs evidenciadas pelo presente estudo e discutidos aqui. Da mesma forma, as diferenciações existentes entre as modalidades esportivas coletivas e individuais que não foram exploradas nesse estudo podem impactar na discussão dos resultados. Estudos indicam que modalidades de esporte individuais tendem a expor o atleta a níveis muito mais altos de pressão e estresse. Sinais e sintomas de ansiedade e Síndrome de Burnout, por exemplo, foram mais frequentemente evidenciadas em atletas dessa modalidade (Alexandre, 2010; Bernardt & Sehnem, 2017; Interdonato et al., 2010; Rodrigues, 2018).

### Considerações finais

Os resultados encontrados neste estudo levam a concluir que o problema de pesquisa proposto foi respondido: há correlações estatisticamente significativas entre esquemas iniciais desadaptativos e estilos de *coping* de adolescentes que praticam esporte de rendimento. De forma geral, os resultados informam que quanto maiores os níveis de EIDs, e/ou quanto mais acionados estiverem, maiores os níveis de estratégias de *coping* disfuncionais (de afastamento) serão empregadas pelos atletas.

Em relação às limitações desse estudo, consideram-se questões como o número de participantes, desigualdade da distribuição por gênero e localização limitada a uma única região como empecilhos para utilização dos resultados de for-

ma generalizada. Além disso, a seleção dos participantes foi realizada de forma conveniente. Em futuros estudos, seria benéfico ampliar a amostra considerando melhorias nesses aspectos. O uso de análises correlacionais para avaliar os dados não permite que seja estabelecida uma relação de causa e efeito entre EIDs e estilos de *coping*, mas os resultados aqui obtidos podem ser úteis para despertar novos problemas de pesquisa.

Análises de regressão e aprofundamento na apresentação dos EIDs, bem como explorar os resultados de acordo com variáveis como sexo, tempo de prática, diferenciações entre modalidades coletivas e individuais e idade, são sugestões para novas investigações. Ainda que alguns pesquisadores tenham tentado compreender os fatores psicológicos relacionados ao desempenho e ao sucesso (Fiorese et al., 2019), a aplicabilidade da Terapia do Esquema no contexto esportivo ainda é uma área pouco explorada. Sendo assim, os resultados aqui obtidos contribuem com esse campo de estudo e despertam novos problemas de pesquisa a serem analisados e discutidos.

Os resultados também são considerados relevantes no que se refere à infância e à adolescência, pois essa é uma faixa etária para a qual estudiosos têm salientado a necessidade de discussões científicas, especialmente, tendo em vista a especialização esportiva precoce (Aroni et al., 2017; Machado & Pinto, 2016). Além disso, ainda que estejam em desenvolvimento, os EIDs tendem a interferir nas interações sociais e em atitudes relacionadas a fatores importantes da vida do adolescente, questões que podem corroborar ao enrijecimento de aspectos disfuncionais de sua personalidade, gerando sintomas de sofrimento psíquico no futuro (Mendes et al., 2019; Wainer, 2016).

Concluindo, os resultados obtidos nesta pesquisa colaboram com estudos em Psicologia do Esporte. Estes achados podem ser úteis para fomentar intervenções preventivas na área, contribuindo com uma prática esportiva planejada para desenvolver o indivíduo de forma integral. Este foi um estudo que endossou implicações do potencial de trabalho orientado também ao

atendimento satisfatório das necessidades emocionais, sob olhar da Terapia do Esquema. Trabalho este que pode ser realizado com famílias e outros adultos de referência para jovens que ingressam na prática esportiva de rendimento. Ao estabelecer uma cultura esportiva saudável para adolescentes, é possível desenvolver com eles habilidades e estratégias para enfrentar os desafios a que serão submetidos, alinhadas com as expectativas de sucesso e bom desempenho que fazem parte do contexto dos esportes de rendimento.

## Referências

Alexandre, B. (2010). Ansiedade pré-competitiva em modalidades de esporte coletivo e individual. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense].

Aroni, A., Batista, M., Rebuschini, F., Machado, A., & Gomes, R. (2019). O estresse e o coping no esporte. In J. Petrica, H. Mesquita, M. Batista, & P. Mendes (Coord.), *Psicologia do esporte e do exercício: Abordagens acadêmicas de investigação* (pp. 35-44). Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Barbosa, M. L. L., Souza, L. S., Panichi, V. B. S., Diehl, A. B. R. P., Oliveira, C. C., Saldanha, R. P., & Balbinotti, M. A. A. (2016). Processo de coping em atletas do esporte escolar: um estudo exploratório. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 15(1), 151-158. [https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/1236\\_1505307943.pdf](https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/1236_1505307943.pdf)

Bernardt, A. M., & Sehnem, S. B. (2017). Ansiedade pré-competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. *Pesquisa Em Psicologia - Anais eletrônicos*, 37-44. [https://unoesc.emnuvens.com.br/pp\\_ae/article/view/15580](https://unoesc.emnuvens.com.br/pp_ae/article/view/15580)

Costa, I. F. da. (2016). Relações entre eventos estressores precoces, sintomas psiquiátricos, esquemas iniciais desadaptativos e características de personalidade em amostra não clínica [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11590/1/Arquivototal.pdf>

Fiorese, L., Rodacki, A. L. F., Caruzzo, N. M., Moreira, C. R., Contreira, A. R., Lima, A. M., Fortes, L. S., Vissoci, J. R. N., Stefanello J. M. F. (2019). Sport and exercise psychology studies in Brazil: Performance or health? *Frontiers In Psychology*, 10, 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02154>

Franzin, R., Rodriguez, R. A., & Reis, A. H. (2019). Modelo teórico atualizado da terapia do esquema. In A. H. Reis (Org.), *Terapia do esquema com crianças e adolescentes* (pp. 21-52). Episteme.

- Gonçalves, V. L. R. (2016). Os cinco fatores da personalidade e sua relação com níveis de coping e felicidade em doentes paliativos [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. [https://www.researchgate.net/publication/313475325\\_os\\_cinco\\_fatores\\_de\\_personalidade\\_e\\_sua\\_relacao\\_com\\_niveis\\_de\\_coping\\_e\\_felicidade\\_em\\_doentes\\_paliativos#:~:text=0%20objetivo%20geral%20deste%20estudo%20%20c3%a9%20perceber%20a.receber%20cuidados%20paliativos%2c%20independentemente%20da%20configura%20c3%a7%20c3%a3%20dos%20servi%20c3%a7os](https://www.researchgate.net/publication/313475325_os_cinco_fatores_de_personalidade_e_sua_relacao_com_niveis_de_coping_e_felicidade_em_doentes_paliativos#:~:text=0%20objetivo%20geral%20deste%20estudo%20%20c3%a9%20perceber%20a.receber%20cuidados%20paliativos%2c%20independentemente%20da%20configura%20c3%a7%20c3%a3%20dos%20servi%20c3%a7os)
- Grosso, J. G. (2016). Esquemas precoces mal-adaptativos como preditores da hostilidade em violadores (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). <https://recilensinolusofo-na.pt/bitstream/10437/7568/1/TESE%20JESSICA.pdf>
- Holahan, C. J., Moos, R. H., & Schaefer, J. A. (1996). Coping, stress resistance, and growth: conceptualizing adaptive functioning. In N. S. Zeidner, & N. A. Endler (Eds.), *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 24-43). John Wiley & Sons.
- Hulley, S. B., Cummings, S. R., Browner, W. S., Grady, D. G., & Newman, T. B. (2015). *Delineando a pesquisa clínica-4*. Artmed Editora.
- Interdonato, G. C., Oliveira, A. R., Luiz, J., Correa, C., Greguol, M. (2010) Análise da ansiedade traço competitiva em jovens atletas. *Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, 8(3), 1-9. <https://econtentsfind.sbu.unicamp.br/vufind/Record/oai:ajs.periodicos.sbu.unicamp.br:article-8637722/Similar>
- Kochhann, R. K. (2018). Efeitos da síndrome de overtraining em uma atleta ultramaratona: um estudo de caso [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul]. [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNIJ\\_of-de2f02b453bb434d28adb48f381806](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNIJ_of-de2f02b453bb434d28adb48f381806)
- Landis, J. R., & Koch, G.G. (1997). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 33-59. <https://www.jstor.org/stable/2529310/10.2307/2529310>
- Brasil. (2001). Lei n. 10.264, de 16 de julho de 2001. Dispõe sobre normas e regras da atividade desportiva de rendimento. *Diário Oficial da União*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10264.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10264.htm)
- Lopes, R. F. F., Camilo, I. C. R. R., & Montagnero, A. V. (2019). O modelo teórico da terapia do esquema com crianças e adolescentes. In A. H. Reis (Org.), *Terapia do esquema com crianças e adolescentes* (pp. 147-182). Episteme.
- Machado, V. H. R., & Pinto, J. T. S. (2016). Perfil dos programas de iniciação esportiva adotados pelas secretarias municipais de esporte da microrregião de Cianorte. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 20(3), 177-182. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v20i3.2016.5095>
- Mallmann, C. L. (2015). *Cyberbullying, estratégias de coping e esquemas iniciais desadaptativos em adolescentes* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. [http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v21n1/es\\_0123-9155-acp-21-01-00013.pdf#:~:text=Teniendo%20en%20cuenta%20lo%20anterior%2C%20es%20evidente%20la.tipos%20de%20estrategias%20de%20enfrentamiento%20en%20adolescentes%20brasile%C3%B1os](http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v21n1/es_0123-9155-acp-21-01-00013.pdf#:~:text=Teniendo%20en%20cuenta%20lo%20anterior%2C%20es%20evidente%20la.tipos%20de%20estrategias%20de%20enfrentamiento%20en%20adolescentes%20brasile%C3%B1os)
- Mallmann, C. L., Lisboa, C. S. de M., & Calza, T. Z. (2017). Cyberbullying e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Adolescentes Brasileiros. *Revista Colombiana de Psicologia*, 26(2), 313-328. <http://dx.doi.org/10.15446/rcp.v26n2.60631>
- Martin, R., & Young, J. (2010). Schema therapy. In K. Dobson (Ed.), *Handbook of cognitive-behavioral therapies* (pp. 317-346). The Guildford Press.
- Medeiros, N. de S. B., Medeiros, B. G. de, Pereira, V. H. D., Costa, I. F. da, & Galdino, M. K. C. (2019). Relação entre domínios de esquemas desconexão/rejeição e autonomia/desempenho prejudicados e dimensões clínicas de personalidade. *Psico*, 50(1), 1-11. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.1.27899>
- Mendes, M. A., Tyszler, P. T., & Santos, V. A. (2019) A teoria do apego e a terapia do esquema para crianças e adolescentes. In A. H. Reis (Org.), *Terapia do esquema com crianças e adolescentes* (pp. 53-86). Episteme.
- Monteiro, A. C. P. (2017). Características de personalidade e estratégias de coping e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros brasileiros de futebol [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFMG\\_fof63ccb8df3d4333742fd1f52b883e](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFMG_fof63ccb8df3d4333742fd1f52b883e)
- Peixoto, E. M. (2016). Desenvolvimento da segunda versão da escala diagnóstica adaptativa operacionalizada para atletas (EDAO-AR-A) [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PCAM\\_fg7b-22d583bb5e372e7cc1ed58e37a01](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PCAM_fg7b-22d583bb5e372e7cc1ed58e37a01)
- Peixoto, E. M., Campos, C. R., Nakano, T. de C., Balbinotti, M. A. A., & Palma, B. P. (2019). Inventário de coping para atletas em situação de competição: evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 1-12. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1801.15473.01>
- Peixoto, E. M., Nakano, T.C., & Balbinotti, M. A. A. (2017). Eficácia adaptativa em atletas: desenvolvimento de instrumento através do ESEM e TRI. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 7(2), 38-56. <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v7i2.8808>
- Pereira, R. (2018). Associações entre personalidade e coping na qualidade de vida em jogadores profissionais de League of Legends no Brasil [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198729>
- Peres, A. J. de S., & Laros, J. A. (2016). Estrutura fatorial do questionário de esquemas e crenças de personalidade. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 141-150. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2016.1502.02>

Reis, A. H. (Org.). (2019). *Terapia do esquema com crianças e adolescentes: do modelo teórico à prática clínica*. Editora Episteme.

Rocha, I. C. O. (2019). *Avaliação da relação entre esquemas iniciais desadaptativos e o coping em indivíduos com transtorno por uso de substâncias* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1230>

Rodrigues, R. N. (2018). *Síndrome de Burnout em jovens atletas: um estudo com modalidades esportivas individuais e coletivas na fase pré-competitiva* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual de Paulista Júlio de Mesquita Filho]. [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNSP\\_a2b3ec731cbf73957fa14522444953c1](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNSP_a2b3ec731cbf73957fa14522444953c1)

Saldanha, S. de M. (2016). *Estratégias de coping em crianças e adolescentes: construção de um questionário* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28181/1/ulfpie051353\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28181/1/ulfpie051353_tm.pdf)

Santos, L. F. S. M. (2009). *Questionário de esquemas para adolescentes (QEA): estudos de validação numa amostra de adolescentes da população normal* [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/46952>

Silva, A. M. B., Enumo, S. R. F., & Afonso, R. de M. (2016). *Estresse em atletas adolescentes: uma revisão sistemática*. *Revista de Psicologia da IMED*, 8(1), 59-75. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v8n1p59-75>

Souza, L. H., Damasceno, E. S., & Oliveira M. S. (2018). *Reconhecendo seus padrões: com a terapia do esquema*. Grupo de Avaliação e Atendimento em Psicoterapias Cognitivas e Comportamentais (GAAPCC) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Van Genderen, H., Rijkeboer, M., & Arntz, A. (2012). *Theoretical model: Schemas, coping styles and modes*. In J. Broesen & M. van Vreeswijk (Eds.), *The Wiley-Blackwell handbook of schema therapy: Theory research and practice* (pp. 27-40). Wiley-Blackwell.

Wainer, R. (2016). *O desenvolvimento da personalidade e as tarefas evolutivas*. In Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., & Andriola, R. (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia* (pp. 20-29). Artmed.

Wainer, R., & Rijo, D. (2016). *O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos,*

*estilos de enfrentamento e modos esquemáticos*. In Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., & Andriola, R. (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia* (pp. 47-63). Artmed.

Young, J. E; Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Artmed.

Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2016). *The development of coping: Implications for psychopathology and resilience*. In Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (Eds.), *The development of coping: stress, neurophysiology, social relationships, and resilience during childhood and adolescence* (pp. 1-61). Springer.

---

## Sara Kleinschmitt

Mestre em Psicologia pela Universidade Feevale (Feevale), em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

---

## Rodrigo Giacobbo Serra

Doutor em Psicologia pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), em Barcelona, Espanha; com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor no curso de Psicologia na Universidade Feevale (Feevale), em Novo Hamburgo, RS, Brasil. Professor do Programa TRI – Terapia de Regulação infantil no Brasil e Espanha.

---

## Marcus Levi Lopes Barbosa

Doutor e mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor no curso de Psicologia na Universidade Feevale (Feevale), em Novo Hamburgo, RS, Brasil; coordenador do Mestrado Acadêmico de Psicologia na Feevale, em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Sara Kleinschmitt

Rua Bento Gonçalves, 2310, sala 44

93518-010

Novo Hamburgo, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*